

COLETIVO cancro cítrico

Nº17

PREÇO:

INVERNO DE 1992 - ANO V

EDITORIAL

Você que está lendo esta publicação imagina como ela foi feita? As etapas e a trajetória realizada para chegar até sua mãos?

Algumas pessoas não dão valor a iniciativas como esta e lêem com pouco caso, sem saber o que esta publicação representa. Ela representa a possibilidade de conseguirmos realizar nossos ideais. Fazer a imprensa alternativa é algo muito difícil, principalmente em países como o Brasil, em que a cultura é deixada em segundo plano. Um grande problema é o fator monetário. A maioria dos editores alternativos custeia sua publicação do próprio bolso, e as despesas não são poucas: envelopes, selos, caixa postal, gráfica, nanquim, composição, etc. Chegam sempre notícias do fim de várias publicações, perdas irreparáveis, trabalhos ótimos, que infelizmente não resistem às dificuldades.

O que os editores alternativos esperam é apenas que sua publicação seja recebida com carinho, que leiam com atenção e reflitam sobre o que foi lido, o resto é consequência. Mas você poderia ajudar de várias maneiras se quisesse, se se conscientizasse da importância desta imprensa livre. Não estamos vinculados a interesses econômicos, organizações políticas ou a qualquer tipo de filiação que venha a nos estabelecer limites, por isso livre de censura, assim é mais fácil ter objetividade na análise da realidade. "A imprensa (dita oficial; ex. n.) é a arte de Inverter a realidade" (autor anônimo, frase pichada no muro do cemitério São Pedro em Londrina).

Quando falamos das dificuldades e do sacrifício que fazemos para superá-las, para que continuemos realizando nossas publicações, vem logo a pergunta: "Então porque não parar? O que você ganha com isto?" O contato publicação/leitor nos é necessário como comer, respirar e amar. A vontade de acabar com as relações automáticas na sociedade, maior liberação e importância dos sentimentos, o fim das manifestações egoístas (Individualismo) e o ressurgimento do coletivismo, todas as formas de fugir do convencional, do que nos é imposto, e que geralmente é digerido sem a menor reação, de tal forma que já as conceituamos como "certas" e "necessárias" (nesta exposição de motivos que levam a edição de uma



publicação alternativa, não falo pelos outros editores alternativos, mas pelo menos o fato de fugir da padronização considero geral, mesmo sem ter isto como objetivo ou notar).

Outro fato importante são as pessoas que sempre lêem estas publicações, gostam e concordam com muita coisa contida nelas, porém continuam com suas "opiniões formadas sobre tudo", conceitos rígidos, não mudam. Se limitam a ler e esperar por outros números para lerem, um processo parasitário à publicação que não surte nenhum resultado, não conseguem entender ou sentir nada. Esta porém, não deve ser considerada uma cobrança, apenas uma crítica construtiva, que por mais que você ache que não é com você pode ser com você sim.

Portanto, a relação editor/leitor deve ser uma troca homogênea, como no amor, onde os dois se dão e os dois recebem.

II FANZI-ENCONTRO

Encontro Nacional de Fanzineiros
Dias 10, 11 e 12 de Outubro de 1.992
Para todos estilos de Fanzines.
Para Inscrições e Informações escreva.

EXPEDIENTE

COLETIVO CANCROCÍTRICO

Responsáveis: Cientista, Ricardo, Marcelo e
Co-produtores

Montagem: Heber e Cientista

Composição: Digigraf - F. 26-4840

Impressão: Gráfica Off-Cópias - F. 24-7851

Revisão: Carolina de Faria Avansini e Cynthia Ito
Machado

Ilustração: Beto

História em Quadrinho: Flávio Calazans

Apoio Especial: Banda Hard Money

Co-produtores: Maurício de Leon - Pelotas - RS
Paulo Cesar Will - São José - SC
Anne - Cambuquira - MG
Nenê Altro - São Paulo - SP
Léa Malta - Recife - PE

UM HOMEM

Ele é um velho. Não sei ao certo... Talvez somente não seja novo. Com certeza sabe muito do que não sei. Muito falaram dele, muito li sobre ele. Já sabia de vários detalhes, detalhes que não chegam perto da emoção de estar presente em sua frente. Aproximamente. Seu manto preto, manto que o cobre, transforma-o em não mais do que um simples detalhe de toda esta eterna paisagem desértica. Até falar... a sensação é a mesma...

- Sente. - Diz sua voz eternamente bondosa.

Foi só o que disse e sentei. Lhe ofereço o pão que fiz de presente. Apanha-o com uma das mãos saindo do meio de todo o monte de trapos que lhe cobre. Leva em direção a sua cabeça, acho que só o cheirou. O coloca sobre uma pedra. Descobri que esta era quente quando tomei o leite que ofertou-me em troca.

Compartilho com ele a emoção de uma refeição. Não trocamos nenhuma palavra. Não perguntel seu nome e nem a quanto tempo está ali. Não cumpri minha missão perante minha curiosidade. Ele também nada perguntou-me. Cumpri sim foi uma nova missão, ao menos para mim, missão de não perturbar a tranqüila sabedoria daquele homem com quem dividi meu pão.

Observei-o nos mínimos detalhes. Tentei ver através das entranhas de seus trapos. Vigiei seus movimentos enquanto comia a mesma porção que eu. Acabamos a refeição. Parece agora que o ar tem um cheiro diferente. Levanto-me, agradeço com um movimento e saio como que pisando em nuvens. Olho para trás mais uma vez, para ver se vai reagir diferente com o novo visitante que chega. Mas não...

Não me disse nada. Não lhe falei sobre meus problemas. Não partilhou comigo sua sabedoria além de sua companhia. Tudo que sei agora não passa do que sabia, só há um acréscimo... Ele é "Um Homem" também.

-Maurício de Leon-

CESTINHA DE PEQUENOS PERTENCES

Ludimila recebe de mamãe uma pequena cesta e vai, contente, ao mercado comprar farinhas várias. Na ponte, Anadematec Poc Ron, um tipo filósofo do lugar, intercepta-lhe a passagem e cheio de um vigoroso tédio (que é disfarçado numa provável sabedoria sobre assuntos rotineiros e levemente complicados) indaga (no que mais aparenta ser uma afirmação):

-Ludi! Levando porquinhos ao mercado?

Ludimila espanta-se, pois filósofos têm mesmo esse poder de espantar-nos.

-Ah... não, não. São pequeninos vazios existenciais que, como a nós serventia nenhuma tem, levamos ao mercadinho para trocá-los por probleminhas reais.

-Ah! Sim, claro! E se você, minha pequena Ludi, tivesse aí maçãs e elas fossem brancas, teriam um grande valor, não é?

-Sim... penso que sim... mas... é que... mamãe e eu somos viciadas em amido, por isso, frutas, para nós, são coisas que nos passam despercebidas.

Ludimila vai andando pensativa e Tec Ron imagina que ele é que lhe incutiu dúvidas, por isso sorri satisfeito. Ludi pensa em quanta farinha trará com uma cestinha de maçãs brancas.

Cesar Nicolodi - Av. Rio Branco, 390-401
CEP 95720 - Garibaldi - RS

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS E RECOMENDADAS *

LIVROS: Há angústia pelo embuste - J. Cardias - Estr. Vicente de Carvalho, 856 - RJ - RJ - 21210 / Infância desfavorecida - Coord. Anita Costa Prado - R. Quirino Cardoso, 73 - SP - SP - 02563 / Rocks Tterrab Dys - Climalter Marianni - Cx. P. 6027 - RJ - RJ - 20022 / Véspera de Traição - Jorge Domingos - Cx. P. 90568 - Petrópolis - RJ - 25621 / Cromos - Heli Maia - Cx. P. 231 - Uberaba - MG - 38055 / Ilha Verde; Minis; Luiz Otávio: Infância; e Recortes e Menções - Eno Teodoro Wanke - Rua General Glicério, 407 - Ap 602 - RJ - RJ - 22251 / Manifesto aberto à estupidez humana - Ezio Flávio Bazzo - Ed. Lilith - Cx. P. 10-2397 - Brasília - DF - 70000

REVISTAS: Aura - Tânia Gabrielli - Cx. P. 16601 - SP - SP - 03197 - Balada para o Futuro - Hugo Terrara - Laudo Ferreira Jr. - Av. João Pinto Ferreira, 70 - Jaboticabal - SP 14870 / Absurdo - Quadrinhos sob hipnose - Flávio Calazans e Paula Prata - Rua Clay Presgrave do Amaral, 13 - Santos - SP - 11055

* Pedimos desculpa aos que enviaram fanzines, pois o elevado número recebido impede de divulgarmos todos e destacar um e não os outros seria injustiça, todos são ótimos se os analisarmos dentro de seus contextos e objetivos - Breve sairá relação de fanzines recebidos, endereços e lista do acervo a disposição para cópias.

CORRESPONDÊNCIA:

"É necessário enviar selo para resposta."

Caixa Postal 1992

Londrina - PR - CEP 86001-970



Crianças sacrificadas às divinas flores
Que revelam seus espinhos
Na angústia e na morte
Nas explosões e na fumaça
Pedacos de remendo oleoso
Areia exprimida por ídolos decaídos
Espectros podres da guerra
Punhais embebidos do mais amargo veneno:
Estricnina Capital.
E os que bebem
Ficam ébrios de poder
Uma sede assassina de lucrar.

Marcelo da Silva

Viagens

a viagem
do marinheiro
tatuada
em seu corpo

circunavego
na biblioteca

outros viajam
em seu reflexo
na janela

Cláudio Feldman

O carcereiro

aposentou-se
prematuramente
devido à constante
prisão de ventre

Cláudio Feldman

Um pedaço de lua
no telhado
fina pele branca
película
papo de louco
passo de bábado
sobre o telhado
fina película
pele branca
a lua

Karen Silvia Debértolis

Esta é a última cartada
o último cartucho
o último dia do mês
além disso
nada
nem a neblina azul
nem tua respiração profunda

meu terno inglês no chão
de pulsos cortados

Karen Silvia Debértolis

500 ANOS

AMÉRICA LATINA A especulação continua
500 anos de todo tipo de Barbárie

A História esconde sempre os fatos mais importantes, isso porque é sempre feita pelos vencedores. Uma História presa à verdade não deixa de ser uma grande mentira forjada com o nome de verdade. Aos vencedores fica a glória para a eternidade, aos perdedores fica a lata de lixo da História. A História ligada à verdade só vem à tona de forma parcial. Um bom exemplo é a Igreja Católica, que trouxe a Inquisição para o "nosso" continente e na Europa praticou os maiores crimes contra a tolerância religiosa. A salvação eterna era paga com ouro, com ele a Igreja encheu seus cofres santos. Como é uma instituição dominante e os crimes do passado são uma benção para o presente, a Igreja se "arrependeu" e hoje é um dos pilares da comemoração dos 500 anos de evangelização e colonização da América Latina. Em seu nome serão feitos todos os tipos de atos, as altas autoridades da Igreja Católica visitarão o ponto de partida do grande saque organizado sob esta terra, as vítimas serão seres abstratos. Nenhum testemunho terá forças para ir contra a maior farsa construída neste continente. A Igreja lembrará seus mártires, mas os ameríndios vão se situar em último lugar nesta América criada pela mente européia. Do que adianta comemorar 500 anos de uma exploração que está longe de terminar e cada vez aumenta mais? Vale a pena?

A vida é um direito de todos, a igualdade é necessária para existir a liberdade, e liberdade sob o capitalismo não existe, o que existe é uma liberdade abstrata, e somente para a elite. O povo tem dono, por isso um político diz "Meu Povo" e compra consciências. Na atual América, observamos todos os tipos de contradições, quem muito fala em solucionar a miséria deste continente está muito longe de resolver este problema. Hoje não adianta culpar o imperialismo econômico dos cartéis espalhados pelo mundo pelos problemas localizados nesta região. A solução está aqui mesmo, com a conscientização do próprio povo, com o povo acreditando em si mesmo, deixando de lado os paraísos, as ideologias. Então o povo descobrirá que a verdadeira sociedade é aquela em que o homem atinge um estado natural da existência, onde o homem seja governado pela solidariedade entre todos os seres. A especulação, a competitividade e a ambição é que fazem os homens desiguais. Não é uma Igreja, um Estado, que vai fazer um homem dividir tudo o que possui com os menos afortunados. Tanto a Igreja como o Estado fazem o possível para dividir os homens em classes sociais. Para a menos numerosa sobre tudo, para a classe mais numerosa, o que sobra se reduz a miséria. A Igreja comemora seus 500 anos neste continente, uma farsa. Seria justo a Igreja chorar os milhares de mortos que deixou no chão deste continente e a partir daí mostrar a face que escondeu durante séculos.

América Latina é o não ser do indivíduo e o ser do Estado. Milhares de povos desta região foram dizi-

mos para outros da Europa e África, transformando este continente em sua nação. Por isso, podemos dizer que vivemos sob túmulos que a história enterrou.

Após o fim do Império Romano, outras nações da Europa se tornaram o epicentro do mundo. A terra européia necessitava de novidades que seu continente desconhecia, os Árabes eram um povo forte e organizado, possuíam uma religião diferente dos europeus.

Estes não conseguiram subjugar o povo de fé muçulmano que, indomável, preferiu dar um rumo próprio a sua civilização. As nações européias necessitavam de matérias-primas e de metais valiosos, um império ou nação era medido por sua força em armas e o ouro de seus cofres, tudo com o aval da Igreja em primazia, estas foram se dividindo, mas possuíam a mesma fonte. Então, as nações da Europa dedicaram suas atenções para o mar: além do horizonte existem povos que desconhecem a cruz e a madre Igreja, vamos até eles lhes passar a boa nova da redenção, isso para a Igreja. Para os reis e sequazes, terras novas precisavam ser colonizadas, com elas era possível construir impérios. Para muitos navegantes, descobrir novas terras era uma aventura, para outros a cobiça e o peso do ouro vinham sempre em primeiro lugar. Armadas foram construídas, somas em ouro foram investidas, era um negócio muito grande para a aristocracia plutocrata. As primeiras velas cruzaram o oceano e ao acaso chegaram ao Caribe. Tudo que é novo desperta a curiosidade, então estava dado o início da colonização. Numa ilha do Caribe, boatos sobre um império um pouco além da ilha fez brotar o sentimento de dar mais um passo além. Dedicaram todo o seu tempo se preparando para chegar a esta terra que conhecemos por México. Um homem sedento de poder e glória chega ao México, se faz passar por um deus, entra na cidade de Tenochtitlan - na época uma cidade maior do que qualquer cidade da Europa. Cortes era um criador de gado da ilha de Hispaniôla (Santo Domingo), no México. Se fez passar por alguém que tinha vindo pedir conta aos que tinham usurpado o poder no Império Asteca, foi recebido como um deus pelo Rei Montezuma. Cortes era um homem arditoso, se aproximou da família e da elite real e esperou o momento propício para dar um fim em toda realeza. Isto aconteceu no dia 23 de maio de 1520 e a partir daí a situação passou a ser de controle dos espanhóis. Não adiantou a resistência de Cuauhtémoc, mesmo sendo o novo rei dos astecas e defensor de Tenochtitlan. Conseguiu resistir até o dia 13 de agosto de 1521, após esta data iniciou-se a destruição de cidades, a miséria para os nativos, o saque e a tragédia dos mais verdadeiros povos da "América". Os infelizes habitantes do México foram os primeiros a pagar com seu próprio sangue a ambição de um continente que procurava se expandir sob o aval de muitas igrejas cristãs e na sombra do iluminismo.

DE 1517 à 1530, milhões de ameríndios foram assassinados por mãos européias. Cerca de dez a vinte milhões foram submetidos ao trabalho escravo na exploração de mão-de-obra local sob restrito controle das metrópoles européias.

Paulo Cesar Will